


No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica

 <https://doi.org/10.21814/anthropocénica.3100>

Resumo: A Ecocrítica representa um novo paradigma nos Estudos Literários. Este ensaio tem como principais propósitos: 1) Reconstruir o percurso da Ecocrítica, desde a sua institucionalização na década de 1990 até à atualidade; 2) Pôr em evidência a relevância de estudos literários sobre o ambiente; 3) Identificar a natureza multidisciplinar da Ecocrítica e as suas tendências atuais e futuras.

Palavras-chave: Ecocrítica – Estudos Literários – Consciência ambiental

Abstract: Ecocriticism is a new paradigm in Literary Studies. This essay has as main purposes: 1) To reconstruct the path of Ecocriticism, since its institutionalization in the 1990s until today; 2) To highlight the relevance of literary studies on the environment; 3) To identify the multidisciplinary nature of Ecocriticism and its current and future trends.

Keywords: Ecocriticism – Literary Studies – Environmental awareness

O NATURE! I do not aspire
To be the highest in thy quire,—
To be a meteor in the sky,
Or comet that may range on high;
Only a zephyr that may blow
Among the reeds by the river low;
Give me thy most privy place
Where to run my airy race.

In some withdrawn, unpublic mead
Let me sigh upon a reed,
Or in the woods, with leafy din,
Whisper the still evening in:
Some still work give me to do,—
Only—be it near to you!


*Maria do Carmo
Mendes*

Departamento de Estudos
Portugueses e Lusófonos,
Universidade do Minho

◆
CLEPUL-Centro de
Literaturas e Culturas
Lusófonas e Europeias,
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

◆
Institute for Anthropocene
Studies
Portugal

 mcpinheiro@ilch.uminho.pt

 0000-0002-5353-4976

For I'd rather be thy child
And pupil, in the forest wild,
Than be the king of men elsewhere,
And most sovereign slave of care:
To have one moment of thy dawn,
Than share the city's year forlorn.
H. D. Thoreau, "Nature"

1. Se é incontestável que a Bíblia hebraica prevê o apocalipse da Terra, não é menos verdade que o Livro do Deuterónimo revela preocupações sobre ética ambiental, tratamento carinhoso de animais domésticos, cuidado com destruição de árvores... ou seja, o Deuterónimo, quinto livro da Bíblia, insiste nas responsabilidades humanas não apenas para com os restantes habitantes humanos do planeta Terra, mas também para com a natureza animal e vegetal. Neste sentido, o Livro pode ser analisado sob o prisma da Ecocrítica,¹ área dos Estudos Literários que apenas se formaria no crepúsculo do século XX. O mesmo pode dizer-se a propósito da advertência de S. João contida no Livro do Apocalipse: "Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores".

O nascimento da Ecocrítica coincidiu com a emergência de consciência global de que a crise climática é uma das maiores inquietações da Humanidade, muito embora ela estivesse ausente da reflexão em Humanidades até ao início da década de 1990. Como sublinhou Donald Worster em *The Wealth of Nature*:

We are facing a global crisis today, not because of how ecosystems function but rather because of how our ethical systems function. Getting through the crisis requires understanding our impact on nature as precisely as possible, but even more, it requires understanding those ethical systems and using that understanding to reform them. Historians, along with literary scholars, anthropologists, and philosophers, cannot do the reforming, of course, but they can help with the understanding (Worster, 1993: p. 27).

Este ensaio tem como propósitos analisar a origem deste novo paradigma dos Estudos Literários, a sua evolução e os seus trajetos futuros.

2. A Ecocrítica assume-se, desde o início da década de 1990, como uma nova área dos Estudos Literários, interessando-se pela relação entre o homem e o meio ambiente com o

¹ Sobre esta possibilidade, cf. Betsy S. Hilbert (2001). Beyond 'Thou Shalt Not': An Ecocritic Reads Deuteronomy. In: Karla Armbruster and Kathleen Wallace (eds.) (2001). *Beyond Nature Writing. Expanding the Boundaries of Ecocriticism* (pp. 29-40). Charlottesville and London: University Press of Virginia.

No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica

qual ele interage. A premissa crucial da Ecocrítica – a reflexão sobre a mútua interferência entre os universos humano e físico – tem mobilizado, no âmbito dos Estudos Literários, numerosos investigadores; tem suscitado inúmeras publicações académicas e fóruns de debate, inspirados pelo Congresso da Modern Language Association realizado em 1991 e dedicado ao tema “The Greening of Literary Studies”; tem dado origem à criação de centros de investigação em vários continentes – tendo como pioneira a *Association for the Study of Literature and Environment*, em 1992, cujo primeiro diretor foi o reconhecido académico e investigador de Ecocrítica Scott Slovic. Entre as numerosas iniciativas da ASLE, destaca-se a criação da revista *ISLE – Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*: como se lê na nota editorial da publicação,

ISLE seeks to explore the relation between human beings and the natural world, and publishes articles from literary scholars, environmental historians, specialists in the visual and performing arts, environmental philosophers, geographers, economists, ecologists, and scholars in other fields relevant to ‘literature and environment’².

A crise ambiental é mundialmente reconhecida como um dos mais prementes problemas contemporâneos; todavia, o exame do contributo dos Estudos Literários, através de uma área própria, para a reflexão sobre ela e, em última instância, sobre o papel que a Literatura pode cumprir, esteve ausente do meio académico até ao início de 1990. Designada por muitos como “the environmental decade”, a década de 1990 abriu uma oportunidade, que não foi desperdiçada, quer para uma intensa produção académica centrada em questões ambientais, quer para a ficção e a poesia voltadas para a relação homem-natureza.

Um termo com uma existência ainda muito jovem justifica uma definição. Cheryl Glotfelty propôs, em 1996, apresentou uma proposta que ainda hoje se revela muito precisa, embora, como se verá, o presente e o futuro da Ecocrítica apresentem desafios que legitimam um alargamento da definição.

Em *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Theory*, a cofundadora da ASLE e primeira professora de Literatura e Ambiente nos Estados Unidos, responde à questão “What is Ecocriticism?” nos seguintes termos:

Simply put, ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. (...) Ecocritics and theorists ask questions like the following: How is nature represented in this sonnet? What role does the

² Informação disponível em <https://www.academic.oup.com/isle>.

physical setting play in the plot of this novel? Are the values expressed in this play consistent with ecological wisdom? How do our metaphors of the land influence the way we treat it? How can we characterize nature writing as a genre? In addition to race, class, and gender, should place become a new critical category? Do men write about nature differently than women do? In what ways has literacy itself affected humankind's relationship to the natural world? How has the concept of wilderness changed over time? In what ways and to what effect is the environmental crisis seeping into contemporary literature and popular culture? What view of nature informs U.S. Government reports, corporate advertising, and televised nature documentaries, and to what rhetorical effect? What bearing might the science of ecology have on literary studies? How is science itself open to literary analysis? What cross-fertilization is possible between literary studies and environmental discourse in related disciplines such as history, philosophy, psychology, art history, and ethics? (Glotfelty, 1996: p. xviii).

São múltiplas as questões/problemáticas que mobilizam estudiosos de Literatura, mas não só, que fazem Ecocrítica. Em 2003, Glen A. Love considerava que o grande chapéu da Ecocrítica incluía abordagens como:

nature writing, deep ecology, the ecology of cities, ecofeminism, the literature of toxicity, environmental justice, bioregionalism, the lives of animals, the revaluation of place, interdisciplinarity, eco-theory, the expansion of the canon to include previously unheard voices, and the reinterpretation of canonical works from the past” (Love, 2003: p. 5).

Todavia, é graças a essa multiplicidade que se observam os muitos rumos seguidos pela Ecocrítica nas duas últimas décadas do século XX e nas duas primeiras do século XXI. Destaco algumas das perguntas mobilizadoras da Ecocrítica, segundo Glotfelty, começando pela definição, tão relevante pelo que diz, como pelo que não afirma. Dito de forma mais simples, a Ecocrítica não é nem poderia ser o estudo da representação da natureza no texto literário; Glotfelty usa o termo “relação”, implicando nele a já referida interdependência homem-natureza (vegetal e animal). Por isso, a Ecocrítica trouxe e continua a trazer um contributo inovador aos Estudos Literários, como também sublinham os organizadores da coletânea *Ecocríticas. Literatura y Medio Ambiente*:

La ecocrítica (...) toma como punto central el análisis de la representación de la naturaleza y las relacionales interdependientes de los seres humanos y no-humanos según han quedado reflejados en las obras de la cultura y de la literatura. (...) como escuela de análisis literario y cultural, analiza textos

No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica

culturales para estudiar el reflejo y la representación de las actitudes culturales en los textos. Esta escuela se preocupa, igualmente, por rescatar del olvido obras literarias que abordan estos temas (Flys Junquera *et al.*, 2010: p. 18).

Uma definição demasiado abrangente de Ecocrítica – que corresponderia a aplicar o conceito a todo e qualquer texto ou a toda e qualquer manifestação artística que represente a natureza – é rejeitada pelo professor da Universidade de Idaho. Quando questionado sobre a pertinência de aplicar a Ecocrítica a textos antigos, defende:

We cannot expect pre-modern literature (or other kinds of artistic expression) to display a modern environmentalist point of view. But non-human nature was part of ordinary reality for writers and artists in earlier times – this includes trees, birds, mountains, and so forth. *One could argue that many texts include nature, but the texts are not exactly ‘environmental texts’ in the modern sense* (Slovic, & Yang, 2010: p. 108; meus itálicos).

O posicionamento de Scott Slovic vai ao encontro de outros que defendem que o estudo das relações da literatura com o mundo físico existe desde tempos antigos e que a atenção académica a obras canónicas como *Walden* de Thoreau ou a movimentos como a literatura romântica inglesa e americana existe há muito.

Todavia, “the spirit of commitment to environmental praxis” (expressão de Lawrence Buell) data apenas dos alvares da década de 1990 e constitui a constatação de que fenómenos cada vez mais perturbadores para a humanidade como a ameaça nuclear, o aumento da população mundial, a perda de extensas áreas naturais, a extinção acelerada de espécies e a incessante contaminação da água e do ar.³

Slovic enfatiza a dimensão ética da Ecocrítica, procurando distingui-la de um ramo da Filosofia, a Ética ecológica, em termos que centram a primeira na análise textual:

Ecocriticism is a style of textual analysis – it’s really a kind of literary criticism or art criticism. Environmental, or ecological, ethics is more in the area of philosophy. But in ecocriticism, often we look for the ethical implications within texts, within works of art. In other words, we might ask: ‘How can we use works of art as guides for right and wrong behavior, and also a sense of values, what is important, what is meaningful? And how do we use works of art to develop in us a sense of appreciation for different aspects of the world (Slovic & Yang, 2010: p. 112).

³ Cf. Love, 2003: pp. 1-2.

De modo idêntico, Hubert Zapf (2006) define o que significa a dimensão ética da Ecocrítica:

On an *ethical level*, Ecocriticism strives for the revision of an anthropocentric cultural value system, which not only involves the recognition of the dignity and independent value of nonhuman nature, but turns it in some respects into a *source* of cultural values. The ‘intelligent imitation of nature’ becomes a procedure through which not only scientific, technological or aesthetic processes can be inspired, but which can also extend and enrich our ethical orientations (pp. 52-53).

As referências de Glotfelty à representação da natureza no género poético e ao papel desempenhado pelo espaço físico na diegese de um romance abrem caminhos para termos que hoje fazem parte do “glossário” da Ecocrítica – com destaque para Ecopoesia e Ecoficção –, bem como para expressões que integram o escopo desta área dos Estudos Literários, designadamente “Justiça ambiental” e “Sabedoria Ecológica”.

Insistindo no carácter interdisciplinar da Ecocrítica, Glotfelty defende que o espaço, tal como o género, a raça, a classe social ou os processos pós-coloniais, é uma categoria da análise literária.

Colocar a questão “Escreverão os homens de forma diferente à das mulheres sobre a natureza?” antecipa uma área que se autonomizou da Ecocrítica, muito embora com ela mantenha fortes relações: o Ecofeminismo (que não será explorado neste ensaio).

Outra definição que considero especialmente operativa e capaz de complementar a de Glotfelty é proposta por Ursula Heise:

Ecocriticism, or ‘green’ criticism, is one of the most recent interdisciplinary fields to have emerged in literary and cultural studies. Ecocriticism analyzes the role that the natural environment plays in the imagination of a cultural community at a specific historical moment, examining how the concept of ‘nature’ is defined, what values are assigned to it or denied it and why, and the way in which the relationship between humans and nature is envisioned (Heise, 1997: p. 1).

A Ecocrítica, enquanto área dos Estudos Literários, problematiza, de facto, questões que a colocam em diálogo com outras áreas do conhecimento e da cultura (nomeadamente a Antropologia, a Filosofia e a Teologia). Como adverte Donald Worster, “We cannot isolate the study of our views of nature into one division called ‘science’ and

into other divisions called literature, the arts, religion, or philosophy, for they all float along together in a common flow of ideas and perceptions (Worster, 2003: p. 25).

Esta dimensão interdisciplinar da Ecocrítica existe, de resto, na própria Literatura. O pensamento ecológico sobre a Literatura exige de nós “to take the nonhuman world as seriously as previous modes of criticism have taken the human realm of society and culture” (Love, 2003: 47). “Tomar o mundo a sério” significa que a Ecocrítica atenta, dialoga e utiliza ferramentas e conhecimentos científicos, designadamente de áreas como a Biologia e a Física.

A natureza interdisciplinar da Ecocrítica supõe, portanto, a defesa de um diálogo entre as Humanidades e as Ciências.

A promoção da consciência ecológica, subjacente a todo o trabalho da Ecocrítica, não significa, todavia, a possibilidade de apresentar uma definição conclusiva e unívoca do termo. Esta área dos Estudos Literários resiste a tal definição e continua a manifestar-se “de modo ambíguo e difuso” (Oppermann, 2019: p. 24).⁴ Talvez por essa razão se revele pertinente a consideração de “vagas” no percurso da Ecocrítica.

3. A ponderação da evolução diacrónica da Ecocrítica tem conduzido diversos especialistas a considerar que ela é marcada por vagas.

No ensaio “The Emergence of Environmental Criticism”, publicado em 2005, Lawrence Buell identificou duas vagas. Scott Slovic defendeu em 2016 que elas são quatro. Se as três primeiras se reportam ao passado, a quarta é aquela na qual estamos imersos, perspetivando simultaneamente o presente e o futuro dos Estudos Literários sobre o ambiente.

A primeira vaga da Ecocrítica focou-se na preservação da natureza e na exaltação da sua beleza. Para tal, a Ecocrítica preocupou-se com a chamada *nature writing* ou escrita da natureza.⁵ Scott Slovic localiza o início desta vaga da Ecocrítica em 1980 e considera que ela se estende até ao presente em estudos centrados em narrativas americanas e britânicas, e no ecofeminismo.

A segunda vaga da Ecocrítica inicia-se em meados de 1990 e estende-se também até à atualidade. Define-se para Buell pela consolidação da Ecocrítica em tendências como

⁴ Estes qualificativos são utilizados no artigo de Serpil Oppermann, originalmente apresentado em 2006: “Theorizing Ecocriticism: Toward a Postmodern Ecocritical Practice”, *Interdisciplinary Studies Literary and Environmental*, 13, 2, pp. 103-128. Utilizo a tradução de José Eduardo Reis (2019), *Teorizando a Ecocrítica: Para uma Prática Ecocrítica Pós-Moderna*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento.

⁵ Cf. Flys Junquera *et al.*, 2010: p. 16.

o ecofeminismo e a justiça ambiental, sem que a primeira vaga tenha sido totalmente eliminada, algo que também Slovic defende.

A Scott Slovic se deve a proposta da terceira e da quarta vagas da Ecocrítica. A primeira mantém a linha de continuidade com as anteriores, no sentido em que continua a existir no presente. Iniciou, de acordo com o investigador, no ano 2000, e implica nos estudos ecocríticos a análise de conceitos globais como “neo-bioregionalism”, “eco-cosmopolitanism”, “rooted cosmopolitanism”, “green queer theory”, “justice for nonhuman species” e “posthumanism”. Finalmente, Slovic afirma assertivamente: “We are now immersed in a fourth wave of ecocriticism (2008-present)” (Slovic, 2016: p. 4).

Esta nova direção da Ecocrítica contemporânea foi impulsionada pelo conceito de “trans-corporeality” de Stacy Alaimo, desenvolvido a partir das apreensões ecofeministas sobre o impacto da justiça ambiental no corpo humano.⁶

Imagining human corporeality as trans-corporeality, in which the human is always intermeshed with the more-than-human world, underlines the extent to which the corporeal substance of the human is ultimately inseparable from the environment. (...) thinking across bodies may catalyze the recognition that the environment, which is too often imagined as inert, empty space or as resource for human use, is, in fact, a world of fleshy beings, with their own needs, claims, and actions. By emphasizing the movement across bodies, trans-corporeality reveals the interchanges and interconnections between human corporeality and the more-than-human. (...) trans-corporeality opens up an epistemological space that acknowledges the often, and unwanted actions of human bodies, non-human creatures, ecological systems, chemical agents, and other actors.⁷

A valorização literária de motivos como a humanização de objetos, lugares, elementos naturais e animais não humanos tem sido traduzida numa tendência muito recente da Ecocrítica, designada como “Material Ecocriticism”. O conceito foi cunhado por Serenella Iovino e Serpil Oppermann (2012) e tem uma articulação estreita com o Pós-Modernismo:

Major postmodern thinkers (for instance Deleuze and Guattari) consider the human and nonhuman territories as one and the same essential reality, and thus come closer to the ecological postmodern thought that is not only

⁶ Alaimo, S. and Hekman, S. (eds.) (2008). *Material Feminisms*. Bloomington: and Indianapolis: Indiana University Press.

⁷ Alaimo, Stacy (2008). Trans-corporeal Feminisms and the Ethical Space of Nature. In: Stacy Alaimo and Susan Hekman (eds.) (2008). *Material Feminisms* (238-239). Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica

among the main features of the new materialism, but also of material ecocriticism” (pp. 78-79).

O sentido e os propósitos de uma Ecocrítica Material são igualmente definidos pelas duas investigadoras numa proposta que significa olhar para um texto literário de uma forma muito diferente:

Material ecocriticism sheds lights not only on the way agentic matter is narrated and represented in literary texts, but on the matter’s ‘narrative power itself. (...) Taking matter “as a text” means questioning the very idea of text. The text, for material ecocriticism, encompasses both human material-discursive constructions and nonhuman things: water, soil, stones, metals, minerals, bacteria, toxins, food, electricity, cells, atoms, all cultural objects and places. (...)

Material ecocriticism invites us into a polyphonic story of the world that includes the vital materiality of life, experiences of nonhuman entities, and our bodily interactions with all forms of material agency as effective actors (Iovino and Oppermann, 2012: pp. 83 e 88).

As orientações da quarta vaga são, para Slovic, centradas em questões como o multiculturalismo, o ambientalismo dos mais desfavorecidos, e a Ecocrítica aplicada (cultural material, sustentabilidade, energia, alimentação).

Questionado sobre o futuro dos estudos literários ecocríticos, defende que eles continuarão a crescer:

I think the field of ecocriticism (...) will reach a point where there is no longer simply a modern trend. There will be a point, in ten years, in twenty years, maybe in fifty years, when people won’t say ecocriticism is just a temporarily exciting way of reading texts. People will say every literature department needs somebody do ecocriticism. It will become an expected part of literary studies. (...) And this is because we will always face serious environmental problems. We need environmental literature and ecocriticism to help us thinking about the solutions. (...) I find myself becoming more and more practical in my ecocritical focus. In fact, one of the things I’m working on these days is what I call ‘applied ecocriticism’. It is not just a scholarly interest. It emphasizes how we apply ecocritical ideas to our own daily living (Slovic & Yang, 2010: p. 114).

Em rigor, já em 1996 Cheryll Glotfelty anunciava o futuro da Ecocrítica nos termos em que ela viria depois a desenvolver-se – e continuar a fazê-lo – defendendo que

“In the future we can expect to see ecocritical sholarship become ever more interdisciplinary, multicultural, and international” (Glotfelty, 1996: p. xxv).

Reformulando a interrogação “A literatura pode salvar o mundo?” para “A Ecocrítica pode salvar o mundo?”, creio que é forçoso admitir que a abordagem ecocrítica da literatura e de outras manifestações culturais nos auxilia, pelo menos, a tomar consciência das conseqüências da nossa interferência no planeta e a mudar atitudes. Sublinhe-se que, desde as suas origens até hoje, a Ecocrítica evoluiu num sentido que deixou de estar circunscrito ao texto literário. O cinema, a música e o ambiente digital propiciam também leituras ecocríticas. O cinema é uma das mais entusiasmantes manifestações culturais ecocríticas, pois, como sublinha Pietari Kääpä (2011), ele é:

one of the most efficient ways to debate political and cultural issues, in a global society. This is especially the case with cinema’s potential to visually capture the transnational and even global scale of ecological problems, and engage with them in a way that reaches wide global audiences(p. 73),.

Apostada na defesa dos valores ambientais, a Ecocrítica chama a atenção para o modo como a nossa interferência na natureza se repercute sobre nós próprios e como a destruição da natureza significa a destruição dos seres humanos. Neste sentido, a Ecocrítica como, antes dela, a Literatura, implica uma ética ambiental ou, nas palavras de Serenella Iovino: “Literature can choose to be ethically charged and to communicate an idea of responsibility” (Iovino, 2010: p. 31).

Neste sentido, a Ecocrítica não é apenas uma abordagem confinada ao meio académico, a um país ou até a um continente, e a debates em torno de questões técnicas, porque as questões ambientais não são meramente questões técnicas: “they are also about what defines the good and moral life, and about the essence and the meaning of our existence” (Brulle, 2000: p. 48).

Quer a ampla definição de Ecocrítica proposta no ensaio seminal de Cheryll Glotfelty, quer as quatro vagas que definem o percurso desta área dos Estudos Literários demonstram que a Ecocrítica é, em essência e no futuro, um domínio multicultural, multidisciplinar e transnacional.

Aqueles que fazem ecocrítica não têm forçosamente de contribuir para os debates sobre problemas ecológicos; mas estão obrigados, como adverte Greg Garrard, a transgredir “disciplinary boundaries and develop their own ecological literacy as far as possible” (Garrard, 2004: p. 18).

4. Não obstante o carácter exploratório deste ensaio e os seus propósitos bem definidos – identificar as raízes da Ecocrítica e os seus caminhos desde o início dos anos 1990 –, algumas conclusões podem ser apresentadas:

Em primeiro lugar, a Ecocrítica conheceu uma evolução e uma transnacionalização extraordinárias. Inicialmente circunscrita ao domínio da chamada “nature writing”, é hoje uma ampla e multidisciplinar área dos Estudos Literários; inicialmente confinada a movimento de académicos de literatura em universidades norte-americanas interessados pelo estudo das interações humano-não humano, é hoje uma disciplina que congrega uma vasta comunidade de investigadores – como de escritores e outros agentes culturais – unidos pela necessidade de escrever, refletir e analisar o modo como literariamente se apresenta a mais desafiante crise atual: a crise climática. No âmbito dos estudos ecocríticos, o enfoque mais recente no “pós-humano” significa uma desestabilização radical das pretensões humanas de superioridade sobre outras formas de vida e uma rasura da ilusão de que o humano está separado do resto da natureza.⁸

Em segundo lugar, o número crescente de investigadores, de eventos académicos, de associações de estudos de literatura e meio ambiente, de países e de continentes onde são publicados ensaios voltados para a Ecocrítica não corresponde a uma moda efémera, mas sim a essa consciência de uma crise ambiental que, ao mesmo tempo, é uma crise da imaginação, como observou Lawrence Buell (1995: p. 2). A leitura ecocrítica de textos literários exige a substituição de uma perspetiva homocêntrica por uma visão ecocêntrica. Esta mudança de paradigma é sublinhada por Robert Kern como um desígnio da Ecocrítica:

What ecocriticism calls for, then, is a fundamental shift from one context of reading to another – more specifically, a movement from the human to the environmental, or at least from the exclusively human to the biocentric or ecocentric, which is to say a humanism (since we cannot evade our human status or identity) informed by an awareness of the ‘more-than-human’ (Kern, 2000: p. 18).

No que à literatura especialmente diz respeito – isto é, a obras literárias voltadas para a mútua dependência humano-não humano –, o estado atual da criação literária – narrativa e poética – demonstra que as questões ambientais, até há uns anos remetidas para ficções distópicas, são hoje tópicos de interesse de escritores de muito diferentes

⁸ Cf. Westling, 2006: p. 26.

proveniências e formações. Em cada um desses escritores (do Brasil aos Estados Unidos da América, do Canadá à Índia, do Chile a Moçambique, para tomar apenas alguns exemplos), encontra-se um compromisso com aquele que é, porventura, o maior objetivo da Ecocrítica: “resistance to planetary pollution and degradation” (Coupe, 2000: p. 4).

Bibliografia

Alaimo, S. (2008). Trans-corporeal Feminisms and the Ethical Space of Nature. In: Stacy Alaimo and Susan Hekman (eds.) (2008). *Material Feminisms* (pp. 237-2649). Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

Brulle, R. (2000). *Agency, Democracy, and Nature. The US Environmental Movement from a Critical Theory Perspective*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Buell, L. (2005). The Emergence of Environmental Criticism. In: Lawrence Buell (2005). *The Future of Environmental Criticism* (pp. 1-28). Malden, MA: Blackwell.

Coupe, L. (ed.). (2000). *The Green Studies Reader. From Romanticism to Ecocriticism*. London and New York: Routledge.

Flys Junquera, C. et al. (eds.) (2010). *Ecocríticas. Literatura y Medio Ambiente*. Madrid y Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert.

Garrard, G. (2004). *Ecocriticism*. London and New York: Routledge.

Glotfelty, C. and Fromm, H. (eds.) (1996). *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: The University of Georgia Press.

Heise, U. (1997). Science and Ecocriticism. *The American Book Review* 18(5): 1-4.

Hilbert, B. S. (2001). Beyond ‘Thou Shalt Not’: An Ecocritic Reads Deuteronomy. In: Karla Armbruster and Kathleen Wallace (eds.) (2001). *Beyond Nature Writing. Expanding*

No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica

the *Boundaries of Ecocriticism* (29-40). Charlottesville and London: University Press of Virginia.

Iovino, S. (2010). Ecocriticism and a Non-Anthropocentric Humanism. Reflections on Local Natures and Global Responsibilities. In: Laurenz Volkmann (ed.) (2010). *Local Natures. Global Responsibilities. Ecocritical Perspectives on the New English Literatures* (pp. 29-54). Amsterdam/New York: Rodopi.

Kääpä, P. (2011). *It can help audiences, 'Old' and 'New', to Rethink their place in the world. Why Does Film Matter?* Bristol and Wilmington: Intellect.

Iovino, S. and Oppermann, S. (2012). Material Ecocriticism. Materiality, Agency, and Models of Narrativity. *Ecozon@* 3(1): 75-91.

Love, G. A. (2003). *Practical Ecocriticism. Literature, Biology, and the Environment*. Charlottesville and London: University of Virginia Press.

Oppermann, S. (2019). *Teorizando a Ecocrítica. Para uma Prática Ecocrítica Pós-Moderna*. Tradução de José Eduardo Reis. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento.

Slovic, S. (2016). The Fourth Wave of Ecocriticism: Materiality, Sustainability, and Applicability". http://sunrise-n.com/transatlantic_ecology/wp-content/uploads/2016/09/SlovicThe-Fourth-Wave-of-Ecocriticism.doc.pdf

Slovic, S. & Yang, Y. (2010). Future of Ecocriticism: Strategic-openness and Sustainability: – An interview with Scott Slovic. *Comparative Literature: East & West* 13(1): 105-116.

Westling, L. (2006). Literature, the environment, and the question of the posthuman. In: Catrin Gersdorf and Sylvia Mayer (eds.). (2006). *Nature in Literary and Culture Studies. Transatlantic Conversations on Ecocriticism* (pp. 25-48). Amsterdam/New York: Rodopi.

Worster, D. (1993). *The Wealth of Nature. Environmental History and the Ecological Imagination*. Oxford: Oxford University Press.

Zapf, H. (2006). The state of ecocriticism and the function of literature as cultural ecology. In: Catrin Gersdorf and Sylvia Mayer (eds.) (2006). *Nature in Literary and Culture Studies. Transatlantic Conversations on Ecocriticism* (pp. 49-70). Amsterdam/New York: Rodopi.

Para citar:

Mendes, M. C. (2020). No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. *Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica* 1: pp. 91-104.